



Apresentação

A primeira edição de 2018 da *Revista Direitos Humanos e Democracia* evidencia o compromisso do periódico com um debate acadêmico qualificado acerca de temas que, em um período de instabilidade política e de intensos debates acerca dos (des)caminhos da democracia no país, assumem posição central, notadamente ante as investidas que tem sido observadas contra os direitos humanos neste contexto. O cenário da intervenção federal na segurança pública do Estado do Rio de Janeiro – instituída por meio do Decreto nº 9.288, de 16 de fevereiro de 2018 – tem sido responsável por cenas diárias de violência, confronto, e, para a estupefação do mundo todo, execução de lideranças que se opõem à barbárie, tal qual a vereadora carioca Marielle Franco. Mulher negra, pobre e homossexual, a morte de Marielle representa um símbolo da violência que, historicamente, é perpetrada nas periferias brasileiras contra os estratos mais vulneráveis da população e que, em tempos de retomada de uma política de cunho repressivista-saneador dos espaços públicos, ganha novo fôlego.

A violência estrutural que marca a sociedade brasileira evidencia que a concretização da democracia e dos direitos humanos, entre nós, passa por momentos difíceis, obscuros, impondo a necessidade de uma reflexão séria acerca do compromisso da academia diante da realidade. Nesse sentido, a leitura alegórica que Walter Benjamin (2012)¹ faz da obra

¹ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. Trad. J. M. Gagnebin e M. L. Müller. In: LOWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

“Angelus Novus” (1920), de Paul Klee, pode ser retomada para ilustrar este movimento pendular entre democracia e autoritarismo que assombra a realidade brasileira.

A partir da análise do conceito de história de Walter Benjamin (2012), é possível compreender a ideia de que o totalitarismo não representou apenas um “intervalo” provisório que se destinava a se desintegrar na medida em que o progresso retomasse seu curso “natural”. Pelo contrário, a opressão e a exclusão vividas por Benjamin, desde então, tem se apresentado enquanto a regra e não a exceção na história dos oprimidos. Para Benjamin (2012), o totalitarismo não representou uma “aberração” fadada ao ocaso pelo “progresso” inexorável. Este progresso como “norma histórica”, pelo contrário, era justamente a arma que fortalecia os regimes totalitários.

Nesse sentido, assim como o anjo da história benjaminiano (2012), o pavor que as experiências totalitárias europeias e latino-americanas provocam ao “olharmos para trás” na história, arregala os olhos de quem vê, impelido pelo “vento do progresso”, as mesmas atrocidades sendo cometidas nas sociedades contemporâneas – a cada Marielle, Dorothy e Amarildo assassinados. O desafio que se coloca, neste contexto, reside em como enfrentar este vendaval. O estarrecimento e o arregalar dos olhos pode ser um primeiro passo. Que os textos aqui reunidos cumpram com esse papel!

Maiquel Ângelo Dezordi Wermuth

Editor